

MUSEU DA PESSOA

História

Resgate de memória

História de: [Raimunda Oliveira Costa](#)

Autor: [Raimunda Oliveira Costa](#)

Publicado em: 24/04/2010

História completa

Mãe, Já passou muito tempo, mas as lembranças estão muito vivas em minha memória. Lembro-me como se fosse hoje, eu tinha aproximadamente oito anos. Nossa casa tinha um terreiro imenso com cinco mangueiras em frente. Na época de seus deliciosos frutos atraíam a garotada da redondeza, quando chovia ou ventava muito. Nas cidadezinhas do interior é comum, na época junina, as pessoas passarem fogueira, padrinho, madrinha, compadre e comadre. Era dia de Natal, eu estava sentada no batente de casa e minha mãe sempre a varrer as folhinhas secas que caíam quando meu padrinho Estevão, que também era compadre de minha mãe, passava lá na estradinha de chão batido, a única que dava acesso à vila, dizia: - Ei, comadre Cadê o Papai Noel? Minha mãe respondia: - Ah, compadre O papai Noel passou looonge Eu escutava e ficava pensando. Puxa A gente mora tão longe que o Papai Noel por ser tão velhinho nunca passa por aqui. Os nossos brinquedos eram os mais originais possíveis. Certo dia, acabei de brincar e não guardei Jango, que ficou com outros brinquedos espalhados pela casa. Minha mãe tropeçou e, aborrecida, o colocou no fogo. Eu só fui sentir falta quando procurei para brincar. Jango era o meu cachorro, um tronco que encontrei no roçado, tinha apenas três pés e um pedacinho do rabo, mas Jango era valente e corajoso. Talvez, inconscientemente, seja uma das razões por que, quando meu filho nasceu, ao receber o meu salário, a primeira coisa que comprava era um brinquedo para ele. Que vontade eu tinha de ganhar uma bonequinha da loja As bonequinhas com que eu brincava com a minha colega eram aquelas bruxinhas de pano que a mãe dela fazia. Naquela época, que vontade eu tinha que o Papai Noel passasse lá em casa Quando eu completei dez anos, fui passar o Natal na casa de minha madrinha que morava em Belém. Comigo, a esperança de que, ali, o Papai Noel passaria. Na véspera de Natal fui dormir cedo, convicta de que quando acordasse pela manhã o Papai Noel haveria deixado uma bonequinha de verdade para mim. Foi tão grande a minha felicidade quando acordei e vi aquele embrulho que não era nem de papel de presente, era um embrulho de papel manilha verde. Corri em direção ao quarto de minha madrinha para mostrar o meu presente de Papai Noel. Isso só me reforçou a ilusão de que, pelo fato de morar tão longe, o Papai Noel jamais passaria lá. Essa foi a minha primeira boneca, não tinha cabelo, não piscava, só mexia os braços e as pernas. Fiquei tão convencida e ansiosa em voltar para casa e mostrar para a minha colega o meu presente de Papai Noel. Mesmo assim, continuamos a brincar com as nossas bruxinhas, enfiávamos quatro palitos na manguinha verde que caía e fazíamos a nossa fazenda. Cada boizinho tinha seu nome. Hoje ao recordar... Éramos felizes e nem sabíamos Foram tantas as nossas dificuldades, Você lembra? Claro que não pode lembrar, nem tampouco ler este resgate de memória. Já foste chamada pelo Pai, uma vez que terminou a sua missão terrena Mas, dentro da nossa simplicidade, e apesar das dificuldades, vivi as fantasias do Natal e nem lembro até quando eu acreditei em Papai Noel. (História enviada em abril de 2010)